

LEITURAS COMPARTILHADAS, MEMÓRIA E ENVELHECIMENTO

Kátia Maria Santos Mota *

Aurea da Silva Pereira **

Maria Emília Oliveira de Santana Rodrigues ***

RESUMO

Neste artigo, enfocamos a prática de leitura desenvolvida nos Círculos de Leitura, mediante a recepção do texto literário e as trocas de experiências que promovem a socialização e o fortalecimento da solidariedade entre as idosas participantes do grupo “Circuleiturando”. Nosso interesse de estudo se direciona para a temática Envelhecimento e Aprendizagens, na intenção de compreender as práticas sociais das pessoas idosas que buscam novas aprendizagens, (re)descobertas de ver o mundo, a si próprio(a) e formas de (re)inventar a velhice. Como aportes teóricos, utilizamos autores que estudam memória e envelhecimento e as práticas da leitura, assim como buscamos a inspiração na literatura para fundamentar nossas motivações. A partir da receptividade e participação das idosas, concluímos que o círculo de leitura se constitui em uma atividade valiosa para estimular os diversos tipos de memória e mecanismos cognitivos, assim como para desenvolver a competência comunicativa e ativar a imaginação.

Palavras-chave: Envelhecimento. Círculo de leitura. Leitura literária.

ABSTRACT

SHARED READINGS, MEMORY AND AGING

In this article, we focus on the reading practices developed in the so-called Reading Circles, under the reception of literary texts and exchanges of experiences which promote the socialization and the reinforcement of solidarity among elderly women, participants of the group “Circuleiturando”. Our research interest centers around the

* Doutora em Estudos Luso-Brasileiros na Brown University, EUA. Professora Adjunta do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Vice-Coordenadora do Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral (GRAFHO). Endereço para correspondência: Rua Priscila Dutra, 378 – Cond. Atlantic Ville, casa 46. Lauro de Freitas-BA. CEP: 42700-000. motakatia@hotmail.com

** Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II – Departamento de Educação. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (UNEB). Membro do Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral (GRAFHO). Endereço para correspondência: Rua Vitória, 50 - Jardim Petrolar - Alagoinhas-BA. CEP: 48031-150. aureauneb@gmail.com

*** Professora da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA). Especialista em Gerontologia pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Endereço para correspondência: Rua Manoel Andrade, 429, Condomínio Mansão Luiz Tourinho, Ed. Luiz Fernando, aptº 201, Pituba Ville. Salvador-BA. CEP: 41810-815. mariaemilia_rodrigues@yahoo.com.br

topic Aging and Learnings, and it is aimed at understanding the social practices of elderly women who look for new learnings, (re)discoveries of world views, their own selves, and the ways of (re)inventing the aging process. The theoretical approach is based on authors who study about memory and aging, and reading practices; as well as we find inspiration in literary texts as the basis of our motivation. From the receptivity and participation of this group of elderly women, we conclude that the reading circle has proven to be a valuable activity in order to stimulate the various types of memory and cognitive mechanisms as well as to develop their communicative competence and activate their imagination.

Keywords: Aging process. Reading circles. Literary reading.

“Até os livros se zangaram comigo; abro-os e as palavras escondem-se de mim, desfazem-se num rio de tinta negra que me lembra que estou sozinha, que afinal não há ninguém, que talvez nunca tenha havido ninguém a quem entregar todo o meu amor. Custa-me cada vez mais escrever”. (PEDROSA, 2005, p. 92).

Nessas palavras, Jenny, uma senhora idosa, personagem do livro *Nas tuas mãos*¹, registra no seu diário um momento de tomada de consciência, ao perceber que suas habilidades na leitura e na escrita vão lhe escapando no ar, num movimento de solidão e de sofrimento, ao reconhecer que, assim, vai se despedindo das palavras, da leitura e da escrita. Seus traços de identidade como leitora e escritora vão se fragmentando por razões inexplicáveis: afinal não fica claro se são as habilidades cognitivas que se recusam a funcionar ou se é o desencanto da vida que lhe tira os sentidos das palavras. Ao refletirmos sobre a narrativa dessa personagem, nos interessamos sobre o impacto do envelhecimento no domínio das palavras, suas questões socioculturais e singularidades nas trajetórias de como cada indivíduo vivencia essa etapa da vida.

Histórias de vida, fictícias ou reais, que trazem personagens idosos como protagonistas vêm se constituindo no nosso interesse de pesquisa, pessoas provenientes de diferentes classes sociais, níveis de escolaridade ou categorias de identidade racial

ou de gênero, profissional etc. Para compreendermos essa população com mais de 60 anos, temos nos debruçado nas leituras sobre as temáticas do envelhecimento e nas escutas sensíveis através de interlocuções com esse segmento populacional. Iniciamos, recentemente, um grupo de pesquisa intitulado “Envelhecimento & Aprendizagens”, ainda em fase de implantação, por meio do qual buscamos compreender as práticas sociais das pessoas idosas que se efetivam com novas aprendizagens, (re)descobertas de ver o mundo e a si próprio(a), formas de (re)inventar a velhice. Nessas incursões da pesquisa, vão se desenrolando conversas entre os pesquisadores (alguns já idosos) e os atores/sujeitos da pesquisa (grupos de idosos) na intenção de trocarmos experiências, buscarmos questionamentos sobre o “aprender a envelhecer” e propormos novas interpretações direcionadas ao “envelhecer aprendendo”. Nessa perspectiva, o grupo de pesquisa desenvolve, em primeira instância, uma pesquisa-formativa realizada através de grupos de leitura e discussões entre os pesquisadores sobre as diversas temáticas que envolvem o envelhecimento e seus processos de aprendizagem. Decorrem dessa experiência formativa, então, alguns projetos-pilotos que comungam dos seguintes objetivos: investigar práticas e espaços de aprendizagem dos idosos; conhecer as motivações pessoais relacionadas ao desejo de aprender; identificar as dificuldades e os desafios de enfrentar novas aprendizagens, assim como os prazeres e experiências de sociabilidade em decorrência do convívio com o grupo; compreender até que ponto a fase do envelhecimento se configura como uma oportunidade de se inserir em novos projetos sociais.

¹ Trata-se de um romance que segue uma narrativa autobiográfica de três personagens intergeracionais: Jenny, a avó; Camila, a filha; e Natália, a neta. Os gêneros textuais produzidos se constituem num diário, num álbum de fotos e numa coleção de cartas. As tramas amorosas que envolvem as três mulheres se entrelaçam e se desvelam em diferentes formas de amar, em singulares formas de viver cada tempo da vida com suas marcas de intimidade feminina.

Intencionamos, assim, realizar microinvestigações que abrangem um amplo leque de interesses manifestados à medida que avançamos nas leituras, discussões e participações em eventos sobre o envelhecimento; isso em razão não só das múltiplas possibilidades temáticas que identificamos nas leituras realizadas, mas, também, do desejo de escutar e dialogar com as histórias de vida de idosos em diversos espaços socioculturais.

A produção deste texto relata a etapa embrionária de uma micropesquisa piloto realizada por alguns componentes do grupo de pesquisa – as autoras deste texto – que se interessam em investigar sobre as práticas sociais da leitura e suas interfaces com o envelhecimento. Produzimos o texto em três seções básicas, assim organizadas: leituras do/no envelhecimento; leituras e roteiros da pesquisa; círculos de leituras literárias e as experiências compartilhadas.

1. Leituras do/no envelhecimento

O aumento crescente do envelhecimento populacional no mundo foi reconhecido pela Organização das Nações Unidas, ao considerar que o período de 1975 a 2015 passa a ser denominado como a “Era do Envelhecimento”. O Brasil segue essa tendência no seu crescimento demográfico: segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, constitui-se de 23,5 milhões dos brasileiros o universo de pessoas com mais de 60 anos, mais que o dobro do registrado em 1991, quando essa faixa etária contabilizava 10,7 milhões de pessoas. Há dois anos, eram 21,7 milhões de pessoas. Outra informação que confirma a tendência de envelhecimento do país é a diminuição do número de crianças de até quatro anos, que caiu de 16,3 milhões, em 2000, para 13,3 milhões, em 2011, concomitante ao aumento do grupo de pessoas mais velhas (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013).

Diante dessa realidade demográfica, como compreender a longevidade e os efeitos na vida das pessoas? A velhice não pode ser considerada em si como uma categoria de análise já que reconhecemos que há muitas velhices, a depender das condições de autonomia do idoso, as quais permitem

assumir, integralmente ou parcialmente, a gestão da sua vida; sendo essas condições adversas, o idoso necessita entregar-se aos cuidados de outros que passam a governar os seus passos. Levando em consideração essa diversidade, o envelhecimento, segundo Maria Cecília de Souza Minayo, pode ser traduzido como o tempo da decadência, da dependência, do isolamento ou, ao contrário, o tempo do protagonismo e do amadurecimento. Essa autora nos explica que os estudos antropológicos tencionam desconstruir

[...] discriminações e preconceitos, assegurando a desnaturalização da velhice como problema, como doença e como o lugar social estereotipado que o aparente cuidado social lhe reservou: ‘o recolhimento interior’ (eufemismo para o afastamento do trabalho); a ‘inatividade’ (rotulação para aposentados e aposentadas); a ‘prevenção das doenças da velhice’ (medicalização da idade): ou as ‘festinhas da terceira idade’ (infantilização dessa etapa da vida). (MINAYO, 2006, p. 49, grifo do autor).

Na sociedade brasileira, o lugar preservado às pessoas mais velhas, quase sempre, é o de exclusão social. Em vista disso, a sensação de não pertencimento vem contribuir para o seu isolamento, o sentir-se em um “não lugar”; as perdas pessoais decorrentes da aposentadoria ou as relacionadas ao distanciamento ou falecimento de entes queridos acentuam a incapacitação de se (re)descobrir na potencialidade para abrir novas perspectivas de (re)inventar a vida. Torna-se urgente, então, que o indivíduo acima dos 60 anos assuma o desafio de se programar para novas experiências e projetos de vida, conforme nos sugerem as afirmações:

A revisão do projeto de vida, adequando-o à realidade atual sob o ponto de vista das condições pessoais, orgânicas e econômicas, deixa entrever soluções criativas e particulares. O idoso ativo apresenta sintonia entre as fantasias e a possibilidade de realizá-las, reapropriando-se do seu destino. (LOPES, 2006, p. 97).

A tendência contemporânea é rever os estereótipos associados ao envelhecimento. A ideia de um processo de perdas tem sido substituída pela consideração de que os estágios mais avançados da vida são momentos propícios para novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal. As experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos

que oferecem oportunidades de realizar projetos abandonados em outras etapas e estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos. (DEBERT, 2004, p. 14).

Para que esses desafios sejam encarados pelos idosos, faz-se necessário que a sociedade se mobilize a reconstruir a imagem das pessoas de mais de 60 anos como cidadãos capazes de reinventar sua inserção social de uma forma criativa e colaborativa. O idoso não pode ser visto, exclusivamente, como um cliente em potencial para uma nova linha de produção mercadológica, que, quase sempre, explora concepções equivocadas sobre saúde e juvenalização do corpo. Para que o idoso não incorpore passivamente esses apelos capitalistas, a organização de grupos de idosos ou até mesmo de diferentes faixas etárias em diversos espaços sociais oferece oportunidades para se avaliar desejos e necessidades, compartilhar histórias de vida e discutir sobre projetos novos ou retomar aqueles abandonados. São as experiências de socialização e de autoconhecimento que fortalecem os idosos a enfrentar seus medos e dúvidas, possibilitando-os a assumir os desafios que lhes abrem novas perspectivas de ser e estar na vida.

Retomando o excerto literário que abre este texto, observamos que um dos maiores medos que cercam o indivíduo ao se constatar como envelhecendo é a perda da memória, a capacidade de regular seus pensamentos, de nomear o mundo e as coisas ao redor, de reconhecer a si e aos outros nos seus relacionamentos; enfim, de viver cada dia com consciência do que se passa no seu interior e no cotidiano da vida. Afinal, como expressa Iván Izquierdo², “Cada um de nós é quem é porque tem suas memórias” (IZQUIERDO, 2010, p. 7). Revisando o que nos explica esse autor, as categorias de memória são definidas:

De acordo com sua duração, existem: a memória *imediate*, que dura segundos, raras vezes minutos; a *memória de curta duração*, que dura de uma a seis horas e a *memória de longa duração*, que dura muitas

horas, dias ou anos. Muitos se referem à memória de duração muito longa, aquela que se estende por décadas, como *memória remota*. (IZQUIERDO, 2013, p. 19, grifo do autor).

A memória imediata é também considerada como a *memória operacional ou a memória de trabalho*, a qual possibilita a pessoa gerenciar afazeres cotidianos; essa memória se relaciona com as operações cognitivas fundamentais para a decodificação da língua escrita nos vários níveis linguísticos: a ordenação das letras em blocos silábicos, por exemplo, o caráter de previsibilidade relativa na organização sintática de um enunciado e a associação entre significantes e significados; em síntese, a leitura requer a memória de uma aprendizagem adquirida nos processos iniciais do contato com o texto escrito. Num nível mais interpretativo, o leitor precisa ter memória suficiente para relacionar os conteúdos textuais precedentes com os que vão surgindo no avançar do texto, aspectos de coerência e coesão textual, compreender a polissemia das palavras e, enfim, traduzir o texto a partir das suas próprias leituras de mundo. A leitura extrapola, assim, o universo do que é explicitado no texto, pois o leitor precisa recriar o texto a partir da sua imaginação, das suas memórias (re)construídas ao longo da vida. Reconhecendo todos esses aspectos primordiais da leitura, Izquierdo (2010) admite que a leitura é o exercício mais recomendável para a memória: “Portanto, é de bom alvitre ler, ler e ler, e se interessar pelo que se lê e pelo que se ouve. E, como lendo se aprende, estaremos praticando o funcionamento de nossa capacidade de memória e garantindo uma maturidade e, mais tarde, uma senilidade menos penosas” (IZQUIERDO, 2010, p. 67).

E justifica sua recomendação, usando a seguinte argumentação:

A leitura envolve, por definição, a memória visual e a verbal; nos deficientes visuais, a memória auditiva e a verbal. Os dois sentidos mais importantes para os humanos são a visão e a audição. Além da memória visual ou auditiva e verbal, a leitura envolve a memória de imagens. Impossível ler a palavra ‘árvore’ sem que desfilem pela mente algumas das muitas árvores que conhecemos ao longo de nossa vida. Impossível ler a palavra ‘casa’ sem lembrar de pelo menos duas, aquela em que transcorreu nossa infância e a atual. (IZQUIERDO, 2013, p. 86).

2 Iván Izquierdo nasceu em Buenos Aires, sendo naturalizado brasileiro há mais de trinta anos; é médico, professor e neurocientista. Lecionou em diversas instituições de ensino superior, entre elas: Univ. de Buenos Aires, Univ. do Rio Grande do Sul e a PUC do Rio Grande do Sul. Izquierdo destaca-se entre os cientistas brasileiros mais citados em todas as áreas do conhecimento.

O autor acrescenta, ainda, que a leitura envolve a memória motora, pois mesmo os leitores mais ilustrados fazem mexer as cordas vocais em correspondência ao que estão lendo durante a leitura dita silenciosa. Reforçando, assim, a importância da leitura no sentido de contribuir com a preservação da memória, Izquierdo (2013, p. 88) complementa: “E, na verdade, os psicólogos recomendam muitas vezes a seus pacientes com déficit de memória que leiam em voz alta. É o melhor procedimento para exercitar todas as funções vinculadas à memória, a pleno”.

O breve relato aqui exposto sobre a intervenção das práticas de leitura no desenvolvimento da autonomia das pessoas mais velhas reforça o relevante impacto social das pesquisas no campo educacional sobre as questões da leitura destinadas a esse público-alvo. A partir dessa compreensão, direcionamos nossos interesses de investigação no sentido de promover grupos de leitura, em espaços formais e informais, tendo como participantes pessoas de mais de 60 anos.

2. Leituras e roteiros da pesquisa

Nossa opção pela pesquisa direcionada às pessoas mais velhas surgiu no decorrer das leituras e discussões que aconteceram no curso “Narrativas Autobiográficas: memória, identidade e cultura”, ministrado pela professora Dra. Vera Tordini Brandão, em 2012, na UNEB. Na proposta do curso, Brandão esclarece que o objetivo central se insere na (auto)formação continuada de profissionais que desenvolvem pesquisas e/ou trabalhos com idosos, seguindo uma metodologia de Oficina Formativa na qual os participantes retomam seus valores e saberes nas práticas cotidianas, (re)construindo sua própria história, em interlocução com as leituras que fornecem bases teóricas para uma “Cultura da Longevidade”. Dessa experiência, surgiu o grupo de pesquisa “Envelhecimento & Aprendizagem”, já apresentado na introdução deste texto.

Como produto da nossa participação nesse grupo de pesquisa, nos concentramos na realização de uma microinvestigação piloto intitulada “Leituras compartilhadas, memória e envelhecimento”, cujos objetivos assim se definem: investigar o processo de apropriação e recepção da leitura literária dos

idosos; expressar e compartilhar os significados dos textos no reconhecimento de si; articular as memórias de histórias de vida dos idosos com as interlocuções produzidas no processo da leitura; compreender os impactos cognitivos, emocionais e sociais da leitura literária para os idosos.

São muitos os grupos de leitura com idosos que vem surgindo em diversos espaços sociais: universidades abertas da terceira idade, associações e clubes, condomínios, igrejas etc.; entretanto, ainda é muito restrito o interesse de se instituir um caráter investigativo nessas práticas sociais de leitura. Nossa intenção, então, é se aproximar do trabalho extensionista da universidade, com os grupos de leitura da terceira idade, e estimular a produção de pesquisa no campo educacional nessa linha temática. No momento, estamos registrando observações participativas ocorridas em alguns grupos, dentro e fora das universidades, a fim de desenvolver oficinas de formadores / mediadores de círculos de leitura com idosos.

Nossa inspiração inicial, na intenção de encontrarmos os caminhos da pesquisa, deu-se a partir da leitura de Bosi (2009), através da compreensão sobre as narrativas de velhos; percebemos com a autora que é a partir das interações estabelecidas com os sujeitos da pesquisa que vamos encontrando as possibilidades de diálogos, de trocas de experiências que se consolidam em narrativas de si, em memórias individualizadas. Assim, as experiências do presente – um evento, um filme, um livro, uma foto – acessam na memória registros de lugares, pessoas, datas, fatos que emergem de tempos passados. Seguindo, então, uma abordagem eminentemente qualitativa, nos aprofundamos nos procedimentos metodológicos a partir das orientações elaboradas por Bosi (2004) que se fundamentam nas subjetivações entre pesquisador e narrador no decorrer das entrevistas, nas conversas entre os sujeitos da pesquisa.

Vê-se, assim, que assumimos uma postura não convencional³, pois o nosso interesse ia além da apropriação de novos conhecimentos; buscávamos a ressignificação de experiências através da

3 Perspectiva apresentada por Magda Soares e Ivani Fazenda (1999), que diz que convencional ou não convencional não é propriamente a metodologia de pesquisa, é a maneira como as pessoas veem a metodologia.

intrínseca relação entre os saberes apresentados/partilhados e as reflexões provocadas nos encontros realizados com os idosos. A adoção de tal postura possibilitou uma imersão mais atuante no contexto e atividades vivenciadas com os idosos; dessa maneira, mobilizamos a nossa percepção e criatividade para o desenvolvimento da pesquisa.

A observação tornou-se uma técnica de pesquisa a partir do momento que sistematizamos, planejamos e vivenciamos, com os idosos, as atividades de leitura com a intenção de apreender a recepção do texto e a interação entre o grupo. Outra técnica proposta foi o Círculo de Leitura, que possibilitou, a partir do uso do texto literário, que cada leitor interpretasse os textos partindo das suas experiências, seu horizonte de expectativa e do lugar social que ocupa.

As práticas de leitura desencadeadas nos círculos tornam-se mais potencializadas porque acontecem em grupos, pois nessa modalidade os leitores podem usufruir tanto dos momentos solitários em interlocução com o texto, como das partilhas com outros leitores na busca de significados e sentidos que extrapolem a leitura da palavra para a leitura de mundo. Inspiramo-nos, assim, na concepção freireana sobre a dialogicidade, considerando a atemporalidade da sua aplicação nos diversos espaços pedagógicos da leitura nos quais a palavra se ressignifica a partir do diálogo com os outros.

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo *pronunciar*. (FREIRE, 1988, p. 78, grifo do autor).

Na intenção de instalarmos a leitura solidária, elegemos o texto literário como o mais fértil para instigar a competência comunicativa dos nossos leitores idosos; assim, partimos dos exercícios de memória visual e auditiva, além da motora, no que diz respeito aos processos de habilidades mecânicas, e expandimos para os exercícios da memória com outros textos, advindos da palavra e da vida, buscando intertextualidades múltiplas que assegurem a interlocução consigo próprio, com os outros e com o mundo ao redor. Assumimos, então,

o que nos diz Jouve (2002), ao afirmar que o texto literário transforma o leitor a partir da associação biunívoca entre o mundo real e o fictício, os quais se entrelaçam e se complementam. Essa natureza transformadora do texto se insere nas concepções bakhtinianas sobre a realidade polissêmica da linguagem e a natureza sociointeracionista da comunicação (BAKHTIN, 2004). Ao adotarmos os círculos de leitura literária, percebemos que essa prática social permite:

[...] oportunizar a leitura solidária de textos literários diversos, de maneira prazerosa, buscando qualificar a interação pessoal com a palavra escrita e viabilizar a partilha dos processos e sentidos vivenciados. [...] Acredita-se que a leitura e o debate em grupo criam um espaço para a divisão das experiências individuais, que se entrelaçam ao texto artístico e alcançam o território coletivo, ressignificadas. (BOHM; MARRANGONI, 2011, p. 146-147).

O caráter transformador dos círculos de leitura literária torna-se altamente terapêutico em situações como, por exemplo, no estudo de caso apresentado por Eloisa Adler Scharfstein (2003), ao narrar a reconstrução da identidade social de Paula, aluna da UnATI-UERJ⁴, com 76 anos e primeiro grau incompleto. A partir de um trabalho de vivência criativa com circulação de textos literários e produções de textos orais e escritos, a autora analisa a produção de Paula em seis etapas evolutivas: na primeira etapa, Paula manifesta a “voz do silêncio”, mas, aos poucos, vai se soltando e ganhando autoria no seu discurso e daí se processa seu crescimento em cada etapa que se sucede; os registros da sexta etapa apontam para seu empoderamento a partir do reconhecimento de si e da assunção da sua identidade como sujeito social. Nas considerações finais da pesquisa, a autora sintetiza a repercussão do trabalho solidário com a leitura e a escrita no crescimento pessoal de Paula:

Finalmente, aos 76 anos, Paula teve a oportunidade de resgatar algo tão valioso como o ato de ler e escrever e, juntamente com essa aquisição, recupera outras coisas valiosas tais como histórias de relação, tanto de ordem familiar como também de vida em sociedade, a partir do convívio com suas colegas em sala de aula. (SCHARFSTEIN, 2003, p. 63).

4 Universidade Aberta para Terceira Idade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Reconhecendo, assim, o poder transformador da leitura literária promovida em círculos de leitura, congregamo-nos aos autores que adotam essa prática pedagógica, sobretudo com pessoas idosas. Bohm e Marangoni (2011), por exemplo, nas suas experiências de pesquisa com pessoas de mais de 50 anos no Centro Superior Cenicista de Farroupilha, RS, utilizam os círculos de leitura e afirmam que:

Para a elaboração desta atividade, partiu-se da convicção de que o aprendizado pode acontecer em todas as etapas da vida, desde que haja o desejo da troca. E aqui o aprender foi entendido não apenas como conhecer algo novo, mas como se apropriar de um saber que permitisse uma nova possibilidade de viver, de ressignificar experiências, através da intrínseca relação entre os conteúdos apresentados a cada novo encontro e das reflexões espontâneas por eles provocadas em cada uma das alunas. (BOHM; MARANGONI, 2011, p. 145).

As autoras seguem a teoria do efeito estético, explicando que o importante não é unicamente compreender o texto ou identificar seus significados, mas perceber os efeitos que o texto traz para o leitor, que significados afloram no sujeito após a leitura, de que forma o leitor dá vida aos textos ficcionais. Assim, explicam que “a significação passa a ser compreendida mais como o produto dos efeitos atualizados e experimentados, do que como uma ideia que antecede a obra e se manifesta nela” (BOHM; MARANGONI, 2011, p. 145).

A dinâmica dos círculos é alimentada através da singularidade de cada leitura e enriquecida pela escuta e troca de leituras dos diversos participantes; cada leitura pode ser, então, ressignificada pelo próprio sujeito no uso da sua capacidade autorreflexiva ou pelas interlocuções que, naturalmente, ocorrem nas partilhas. Consideramos importante ressaltar o papel do leitor-guia ou mediador do círculo, na concepção de Yunes (1999, p. 19), que se constitui na:

[...] figura que mobiliza, provoca, costura as demais falas, sem fazer prevalecer a sua própria. Nesse sentido, sua experiência é muito relevante – longe de fazer preponderar a força do seu conhecimento, ele o partilha na medida mesma em que a solicitação direta ou indireta se faz, a partir de alguma outra colocação realizada por qualquer dos intervenientes do círculo.

Sinalizamos, então, que o papel do leitor-guia é de mobilizar o grupo, de fazer a palavra circular para possibilitar que a prática da leitura literária, experienciada no círculo, produza sentido coletivamente; portanto, que todos os participantes sejam coautores do que se lê.

3. Círculos de leituras literárias: experiências compartilhadas

Os encontros se constituíram em espaços coletivos de leitura onde a disposição em círculo contribuiu para uma aproximação maior entre os idosos e a leitora-guia, estabelecendo assim um tipo de cumplicidade ou comunhão, através do compartilhar da leitura e dos relatos/experiências socializados.

Para o desenvolvimento dos círculos, partimos do pressuposto da leitura como prática social; portanto, uma atividade que se desenvolve ao longo da vida, provocando efeitos de sentidos que se transformam a partir da maturidade do sujeito, da experiência de vida do leitor, das suas histórias de leituras que se entrelaçam com a socialização dessas vivências com os outros ao seu redor.

Considerando que escolhemos trabalhar com pessoas mais velhas, temos sempre em mente que a leitura é um fator de proteção para o processo de envelhecimento, considerando-se o aspecto da cognição que é desenvolvido nas práticas leitoras, importante para a manutenção da autonomia e independência ao longo da vida.

A experiência de círculo de leitura com pessoas mais velhas, que aqui disponibilizamos, foi denominada “Circuleiturando”, e realizada em uma instituição privada de Salvador. Constituiu-se como uma experiência importante na fase exploratória de um projeto de pesquisa mais amplo, ainda em execução. Os encontros ocorreram de agosto de 2012 a dezembro de 2013 com um grupo de doze senhoras, na faixa etária entre 55 e 78 anos, sendo 75% delas com nível superior e as 25% restantes com segundo grau completo. Essas idosas chegaram ao grupo a partir da participação em uma atividade de extensão de uma universidade privada, além de convites pessoais e contatos pessoais.

O texto literário foi o suporte utilizado para evidenciar a singularidade, assim como o enri-

quecimento da leitura pela troca de experiências das leitoras; acreditamos, portanto, no poder de encantamento da palavra, no sentido da possibilidade de tocar na vida de cada participante, de trazer perspectivas de novas leituras de vida.

As obras literárias foram escolhidas a partir do interesse e sugestão dos membros do grupo; em cada círculo liamos o livro selecionado no encontro anterior. Desta forma, o repertório de leituras do grupo foi constituído pelos seguintes autores e respectivas obras: Cora Coralina (2001) - *Estórias da casa velha da ponte*; Zélia Gattai (2010) - *Códigos de Família*; Jorge Amado (1982) - *Mar Morto*; Eduardo Moreira (2012) - *Encantadores de vida*; Milton Hatoum (2006) - *Dois irmãos*; Nora Roberts (2003) - *Amor de Verão*.

As experiências registradas nos encontros de leitura do “Circuleiturando” e analisadas pelas participantes revelaram sentimentos de aproximação afetiva, cumplicidade e solidariedade, ganhos individuais e coletivos, como foi evidenciado nesse depoimento:

‘Circuleiturando’ é uma atividade por demais enriquecedora: o encontro sempre muito agradável e num clima de abertura e intimidade e vejo, mesmo, de confiança. Várias são as análises, pontos de vista diferentes, cada uma foca o que mais lhe agrada e os elos da corrente vão se entrelaçando dentro de uma atmosfera de ouvir o que cada uma tem a dizer e isso é uma grande socialização, além do acréscimo cultural, exercício da memória e muitas coisas mais. Criou para mim estímulo à leitura que gosto muito, mas, se não tivesse esses encontros, não me sentiria motivada a ler o que estamos lendo. (D. Nita⁵, 76 anos).

O processo de entrega para socializar e trocar experiências foi acontecendo aos poucos; no início o grupo era tímido, por isso em diversos momentos incentivávamos as senhoras para que se permitissem extrapolar os significados do texto, situando-se nas tramas dos personagens e trazendo os conteúdos para sua própria realidade. No decorrer do tempo, as leitoras foram soltando a voz, suas experiências emergiam, suas opiniões se manifestavam; enfim, o texto passava a ser reinventado pelo grupo.

5 Os nomes das participantes são fictícios, para preservar suas identidades.

É importante registrar que a leitura em voz alta, a escuta e as narrativas, que não estavam somente nas páginas dos livros escolhidos, mas na socialização das experiências vividas, ouvidas e apreendidas, eram práticas que faziam parte do cotidiano do grupo. Ao fazermos uso da oralidade, a memória tornou-se o “suporte” utilizado para relatar as impressões das idosas sobre o texto partilhado e as lembranças/experiências evocadas. Lembramos, então, do que explica Llosa (2004, p. 25):

Para as sociedades, como para o indivíduo também (o contar estórias) é uma atividade primordial, uma necessidade da existência, uma maneira de suportar a vida. Por que o homem necessita de contar e contar-se estórias? Talvez porque [...] dessa forma lute contra a morte e os fracassos, adquira uma certa ilusão de permanência e desagravo: é uma maneira de recuperar, dentro de um sistema que a memória estruturada com a ajuda da fantasia, esse passado que quando era experiência vivida tinha a aparência do caos. [...] Para conhecer o que somos, como indivíduos e como povos, não temos outro recurso senão sair de nós mesmos e, ajudados pela memória e pela imaginação, projetar-nos nessas ‘ficções’ que fazem do que somos algo paradoxalmente igual e diferente de nós.

Aos poucos, fomos percebendo que a participação ativa das idosas no “Circuleiturando” ia na contramão das diversas representações que se faz da velhice, nas quais o sentimento de isolamento é um traço marcante no cotidiano das pessoas de mais de 60 anos, em razão de questões socioculturais, tais como: a aposentadoria, a perda de familiares próximos, a dificuldade nas relações intergeracionais, as limitações do corpo.

No depoimento de outra idosa, também é revelado que o contato com a literatura, além de ter se tornado mais intenso, contribuía para a ativação da sua memória. Muitas comentavam que liam pouco, e até mesmo nem liam, mas ao se inserirem no grupo, buscavam ler de forma mais integrativa, compartilhando ideias, sugestões e novas leituras. Sentiam-se motivadas a se (re)descobrirem na leitura:

“O ‘Circuleiturando’, para mim, significa a oportunidade de incentivo à leitura, facilitado pela sugestão dos livros a serem lidos, além de proporcionar momentos de integração e interação entre os participantes, contribuindo para a ativação da memória” (D. Lita, 61 anos).

Vê-se, assim, que os círculos impulsionaram as senhoras à necessidade de narrar as suas próprias histórias de superação, ao tempo em que os laços de solidariedade se fortaleciam ao conhecer as histórias das companheiras do grupo.

Muitas das participantes associavam os momentos no círculo de leitura às brincadeiras no tempo da infância, momentos vividos e compartilhados com as amigas. O prazer que sentiam com as lembranças trazidas a partir das leituras e comentários no grupo era notado por todas, além do reconhecimento das novas aprendizagens, inclusive com a incorporação de palavras novas que estimulavam a competência comunicativa. Em alguns momentos, até o dicionário foi trazido e utilizado para confirmarmos as significações que moviam questionamentos diferenciados.

Dentre as histórias de superação, destacamos o depoimento de uma senhora que comentou sobre a mudança de atitude em relação à leitura, considerando inclusive que suas dificuldades de memória poderiam ser resolvidas:

Senti uma grande motivação e escolhi deixar sempre, diariamente, um tempo para ler. Resolvi também comprar livros indicados nos encontros, em listas de seleção de revistas, como ainda visitar mais frequentemente livrarias. Descobri o gosto de ler, mesmo que em alguns momentos necessite fazer mais que uma leitura para decifrar o sentido do autor e construir as minhas próprias significações. Sinto que revivi, que sou outra pessoa. (D. Dita, 76 anos).

As práticas de leituras desencadeadas nos círculos, através da observação sobre as maneiras, formas e espaços de sociabilidade com a leitura, bem como seus suportes, contribuíram para que entendêssemos que:

Leitores se formam mesmo é através de suas próprias leituras, e estas se dão em diversos espaços sociais, em diversos momentos de vida, em diversos momentos de relacionamentos humanos, em diversas circunstâncias culturais [...] A formação de leitores se desenvolve o tempo todo, ao longo da vida inteira, às vezes com lentidão, às vezes com dificuldades, às vezes com um ritmo alucinado e surpreendente para o próprio sujeito que se perde em suas leituras. (PAULINO, 2007, p. 146).

O desejo da leitura a cada encontro tornava-se cada vez mais evidenciado, surgiam motivações

para novas escolhas de leitura; paralelamente, discutíamos sobre as contribuições do grupo de leitura na qualidade de vida de cada uma. Nessas oportunidades, a partir da recepção do texto literário, manifestada na oralidade das participantes do grupo, reconhecíamos os benefícios da prática da leitura para amenizar as perdas de memória e ativar as operações cognitivas, além dos impactos sociais na vida cotidiana.

A relação afetiva com o livro foi imediatamente (re)estabelecida a partir da identificação com o autor e sua narrativa; foram sinalizados trechos que se entrelaçavam com as experiências de vida e as leituras do grupo.

Os livros *Estórias da casa velha da ponte*, de Cora Coralina, e *Códigos de Família*, de Zélia Gattai, foram pretextos para muitas lembranças da infância, adolescência e juventude das participantes. Uma participante, que teve oportunidade de compartilhar momentos com o casal Amado, relembrou alguns códigos da sua família:

“Só me lembrei de três códigos de minha família no momento: 1- Cejar – vontade louca de fazer xixi; 2- Safirar (eu adoro) – pechinchar; bisbilhotar nas lojas para fazer economia, olhar sem comprar; 3- ‘Mi arripindi’ (me arrependi) – quando faz algo sem pensar e tem algum prejuízo, seja de dinheiro ou não”. (D. Vita, 74 anos).

Durante essa fala de D. Vita, o grupo se descontraiu e as risadas tomavam conta da sala. Sobre esse código familiar, a autora Zélia Gattai afirma que “Os códigos que usamos aqui em casa – João Jorge, Paloma, eu e também Jorge – são antigos e recentes. Antigos ou recentes, cada qual tem sua história de origem, às vezes curta, às vezes longa, e cada um de nós é dono da sua e do seu código [...]” (GATTAI, 2010, p. 15).

A leitura de *Mar Morto*, de Jorge Amado (1982), trouxe à baila a realidade vivida por algumas senhoras que nasceram no interior, mas vieram morar bem pequenas em Salvador. Foi um exercício prazeroso recordar a cidade da infância, os espaços de Salvador por onde circulavam e comparar essas imagens e sensações com as atuais. As lembranças externadas, por diversas vezes, vinham carregadas por certa melancolia, mas, também, com emoções positivas pelo reconhecimento da pessoa ter sido testemunha histórica de fatos vividos.

As histórias de vida das participantes emergiam por meio de fotos selecionadas e apresentadas ao grupo, assim como lembranças de músicas que povoaram a adolescência e juventude, objetos pessoais acompanhados das suas histórias, códigos familiares construídos em suas próprias famílias, com comentários de que muitos deles são ainda hoje utilizados. Foram muitos os objetos e textos que povoaram aqueles momentos de leituras múltiplas, dando oportunidade às participantes de se exercitarem na construção de narrativas das memórias remotas, fazendo pontes com o tempo presente em conexão com as redes familiares atuais, trazendo o convívio com suas famílias constituídas, seus filhos, netos e bisnetos. Sentimentos diversos afloravam, permeando o reconhecimento das trajetórias vividas.

Dentre as memórias narradas, uma idosa nos contou do seu desejo de estudar, mas, como o pai não permitia filha mulher ser muito letrada, preferiu fazer a escolha de um casamento precoce para mudar o ritmo de vida. Ledo engano: uma gravidez imediata e outras tantas seguidas lhe tiraram a oportunidade de continuar os estudos. No entanto, agora, com os filhos criados e tempo disponível, buscou um espaço de estudo para atender aos desejos da juventude: ter novas aprendizagens, adquirir mais conhecimentos, fazer leituras.

O “Circuleiturando” foi o espaço que contribuiu para que as participantes vislumbrassem projetos de vida, ampliando seus horizontes nas “leituras de mundo”. Através das leituras literárias e da socialização e (re)leituras das suas experiências de vida, as idosas compreenderam que “lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não se pode (nem costuma) encerrar-se nela” (LAJOLO, 2005, p. 7).

Em muitos encontros, a “experiência criativa” era permeada de emoções através das lembranças evocadas, e foi nesse contexto que procuramos valorizar, como mediadoras dos círculos, os comentários, opiniões, sínteses, dúvidas e escolhas que davam significação à importância do “ato de ler” (FREIRE, 2005). Buscamos, portanto, fazer uma escuta sensível diante dos relatos das histórias que

circulavam, além de estimularmos a expressão de si, dos significados, sentidos, sentimentos e trocas de experiências:

O trabalho de um leitor-guia é fazer luz sobre as cenas de leitura, os atos de leitura, sem impor sua condição ou a do autor. O que se quer alcançar com o Círculo de Leitura é a descoberta da condição de leitor e uma qualificação maior para a leitura, por conta mesmo da troca, do intercâmbio, da interação de vivências e histórias de leitura – segundo o repertório de cada um. (YUNES, 1999, p. 20).

Nossa função de leitoras-guias foi tornar o “Circuleiturando” um espaço democrático, para tecer uma rede de sentidos, a partir do respeito às vozes, pontos de vista e experiências das idosas participantes do grupo.

Finalizamos o registro da nossa experiência com os círculos de leitura do grupo de idosas com as palavras de Ferreira Gullar (2000), que diz “que caminhos não há, mas os pés na grama os inventarão. Aqui se inicia uma viagem clara para a encantação”. Realmente, caminhos não há, caminhos se inventam e são inventados para a “encantação”, termo que representa os momentos de trocas que ocorreram no “Circuleiturando”.

Considerações (in)conclusivas

O compartilhar da recepção do texto literário com as experiências de vida/envelhecimento das idosas no “Circuleiturando” promoveu uma ressignificação da vida, um florescer de conversas, um rejuvenescimento saudável, um despontar de novos projetos de vida. As aprendizagens aconteceram pela oportunidade de socialização, pela via afetiva; as leituras de si e da vida ao redor permearam os encontros dos grupos; o envelhecer passa a fazer sentido quando se abre novas perspectivas, quando se faz projetos para o futuro. Essas senhoras, sem dúvida, buscam esse espaço de convivência para assegurar sua dignidade como mulher, para se afirmar na sua cidadania, para conceber a longevidade como o desafio de um (re)construir-se continuamente ao longo da vida.

Longeviver é um tornar-se velho, com estas diferentes marcas únicas – sempre em processo de reconstrução – de como aprendemos e vivemos todas

as idades da vida, e construímos essas histórias de ‘nós mesmos’, marcadas pela alegria, o reconhecimento e a superação, ou pela tristeza, amargura e ressentimentos. (BRANDÃO; MERCADANTE, 2009, p. 78).

As obras literárias utilizadas, em razão de sua natureza polissêmica, possibilitaram em cada encontro a troca espontânea por meio da multiplicidade de inferências e interpretações nascidas do diálogo das idosas com o texto, das memórias

e narrativas externadas e socializadas entre os participantes.

Sendo assim, a nossa intenção de desenvolver um Projeto sobre Envelhecimento e Aprendizagem se reforça ao acreditarmos que o aprendizado pode acontecer em todas as etapas da vida. As senhoras do “Circuleiturando”, por meio da leitura literária trabalhada em cada encontro, mobilizaram suas leituras do texto e da vida, a partir das suas experiências pessoais, para se (re)significarem.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. **Mar Morto**. 54. ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BOHM, Verônica; MARANGONI, Marli Cristina Tasca. **Círculo de Leitura: ressignificando experiências. Estudos interdisciplinares sobre envelhecimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 143-157, 2011.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. Lembranças de velhos. 15. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. **O tempo vivo da memória**. Ensaio de Psicologia Social. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BRANDÃO, Vera Maria A. T.; MERCADANTE, Elizabeth F. **Envelhecimento ou longevidade?** São Paulo: Paulus, 2009.
- CORALINA, Cora. **Estórias da casa velha da ponte**. 11. ed. São Paulo: Globo, 2001.
- DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**. Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 46. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- GATTAL, Zélia. **Códigos de família: memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GULLAR, Ferreira. **A luta corporal**. São Paulo: José Olympio, 2000.
- HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD)**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=40>. Acesso em: 15 out. 2013.
- IZQUIERDO, Iván. **A arte de esquecer**. Cérebro e memória. 2. ed. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2010.
- _____. **Questões sobre memória**. 5. ed. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2013.
- JOUBE, Vincent. **A leitura**. Trad. Brigitte Hervor. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2005.
- LLOSSA, Mario Vargas. **A verdade das mentiras**. Trad. Cordelia Magalhães. São Paulo: Arx, 2004.
- LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. Diversidades na velhice: reflexões. In: SESC; PUC-SP. **Velhices: reflexões contemporâneas**. São Paulo: SESC/ PUC-SP, 2006. p. 87-99.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Visão antropológica do envelhecimento humano. In: SESC; PUC-SP. **Velhices: reflexões contemporâneas**. São Paulo: SESC/PUC-SP, 2006. p. 47-59.
- MOREIRA, Eduardo. **Encantadores de vida**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

PAULINO, Graça. O mercado, o ensino e o tempo: o que se aprende com a literatura que se vende? In: PAIVA, Aparecida. et al. **Literatura: saberes em movimento**. Belo Horizonte: CEALE; Autêntica, 2007.

PEDROSA, Inês. **Nas tuas mãos**. São Paulo: Planeta, 2005.

ROBERTS, Nora. **Amor de verão**. Trad. Alexandre D'Elia. 3. ed. Rio de Janeiro: Harlequin Book, 2003.

SCHARFSTEIN, Eloisa Adler. Do desamparo ao sonho: a reconstrução da identidade social de uma aluna idosa. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.). **Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003. p. 39-65.

SOARES, Magda; FAZENDA, Irani. Metodologias não convencionais em teses acadêmicas. In: FAZENDA, Irani (Org.). **Novos enfoques da pesquisa educacional**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

YUNES, Eliana. Círculos de Leitura: teorizando a prática. In: **Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, SP, ano 18, n. 28, p. 17-21, jun. 1999.

Recebido em: 11.01.2014

Aprovado em: 24.04.2014